

MOBILIZAÇÃO DE SABERES DOCENTES A PARTIR DE GESTOS DA *FUNÇÃO- AUTOR* EM UMA FUTURA PROFESSORA DE FÍSICA

Tatiana Iveth Salazar
Universidade Estadual Paulista

Roberto Nardi
Universidade Estadual Paulista

RESUMO: Apresentamos dados de uma pesquisa sobre formação professores de Física, no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado de Docência realizando a análise de um Diário de Aula de uma licencianda, de uma universidade pública. Assumimos como referência aportes de Análise de Discurso, na qual a linguagem é considerada uma mediação entre o homem e a realidade social, por meio da materialidade do discurso, que permite significar e significar-se e na qual é possível a continuidade ou transformação do homem e sua realidade. Utilizamos desta teoria a noção de *função-autor*, conforme interpretação de autores como Foucault e Orlandi. A análise permitiu identificar gestos da *função-autor* no Diário de Aula, bem como marcas do interdiscurso sobre o Ensino de Ciências, a função do professor, a avaliação e outros elementos relacionados a saberes docentes.

PALABRAS CHAVE: Análise do Discurso, Função-Autor, Saberes Docentes.

OBJETIVOS: Considerando a *função-autor* em um Diário de Aula (DA) que representa a obra de uma futura professora de Física, este trabalho visa interpretar marcas desta função na construção do texto e estabelecer relações entre essas marcas e os saberes docentes construídos durante a formação inicial, no contexto de uma primeira das quatro disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) presentes no currículo de um Curso de Licenciatura e uma Universidade Pública do Brasil.

QUADRO TEORICO-METODOLOGICO

A Análise do Discurso (AD), considera o processo da interpretação como uma ação na qual o sujeito tem a necessidade de dar sentido aos objetos simbólicos com os quais interage. Nesse processo de construir sentidos a ideologia intervém, criando a ilusão no sujeito de que as palavras têm um significado único, a priori. Em síntese, é na ideologia que “*são apagados os processos de construção de sentidos*” (ORLANDI, 2012, p. 66). Dessa forma, é possível dizer que não existem sentidos literais, pois os sentidos são estabelecidos de acordo com as condições sociohistóricas de produção e funcionamento do discurso.

Nesse sentido, a ideologia estabelece sentidos fixos no sujeito de forma inconsciente e é por mediação desse processo que são construídos imaginários que significam “*a construção de uma interpretação*”

particular que apareceria, no entanto, como uma interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado. A ideologia não é um conteúdo “X” mas o mecanismo de produzi-lo” (p. 65). Daí que a ideologia cristaliza alguns significados que são assumidos como fixos e naturais e que circulam nos discursos. Portanto, a ideologia atua ocultando sentidos, pois, cria a ilusão de que a linguagem é transparente. Em sínteses, os sujeitos constroem sentidos determinados pela ideologia e pelo contato com o interdiscurso que circula na sua posição-sujeito. A proposta da AD propõe desnaturalizar essa concepção da linguagem transparente e propõe compreender a linguagem como opaca, sempre em relação a suas condições de produção e a seu contexto sociohistórico.

Foucault (2015) e Orlandi (2012), propõem a noção de *função-autor* e oferecem elementos para interpretar o DA. Na discussão proposta por Foucault (2015), ele *desnaturaliza* o conceito de autor e obra e propõe a ideia de autor e obra como unidade. No processo de escritura da obra, o autor é colocado como uma figura humana anterior a ela; nesse sentido, a escritura “*é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer*” (p. 35). E nesse processo de apagamento do autor, cria-se a ilusão de que autor e obra são elementos dicotômicos; portanto, a obra é compreendida como um produto exterior ao sujeito-autor.

Portanto, Foucault compreende Autor e Obra como unidade, pois, no processo da escrita da obra sempre aparece o autor em algumas sutilezas. É possível identificar o autor quando se estuda o processo da escrita; pois, o autor se faz presente na obra, quando escolhe e delimita seu discurso, se responsabiliza por organizar um discurso que, por sua vez, sempre está apoiado em outros discursos (*interdiscurso*), quando nos diferentes ecos de outras vozes se propõe escolher, delimitar, organizar e fechar seu discurso.

Nessa *função-autor*, o autor assume posturas e se apropria do *interdiscurso* que circula na sua *formação discursiva*, a qual determina sentidos. Assim, a *função-autor* atua como um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco da sua coerência” (Foucault, 2010). É nessa relação que o sujeito, neste caso a futura professora de Física, em interação com o interdiscurso mobiliza saberes docentes para compreender e se apropriar da realidade escolar.

CONTEXTO DA PESQUISA

Os dados discutidos são coletados em um curso de licenciatura em Física, nas disciplinas de ECS, nas quais os licenciandos frequentam escolas e participam de processos de observação, planejamento e aplicação de propostas de ensino de Física. As disciplinas de ECS iniciam na metade do programa da licenciatura e têm uma duração de dois anos. Na primeira disciplina de ECS o licenciando realiza uma observação livre sobre a escola e a sala de aula. Dessa observação se tem como produto um DA.

Caracterização do DA

No processo de escritura de um texto, o autor a partir da *função-autor* imagina um interlocutor-leitor. Neste caso, a aluna que desenvolve a *função-autora* do DA imagina como seu interlocutor-leitor o professor que orienta esta disciplina, considerando essa relação Professor-Leitor – Estudante-Autor aparece uma relação de poder, pois o texto produzido faz parte da nota final da disciplina; portanto, faz parte de um evento de avaliação. Outra condição importante na produção dos sentidos no DA é considerar que a universidade é uma instituição que controla e determina os discursos que devem ser apropriados por ela. Portanto, sua produção textual está constantemente em tensão entre o discurso derivado da Universidade e o discurso derivado da Escola. E esta tensão também está afetada pelos saberes docentes construídos pela futura professora

Caracterização do Sujeito de Pesquisa: M

O DA pertence a uma futura professora de Física, por nós denominada M, estudante regular do Curso de Licenciatura em Física, que pode ser caracterizada como uma estudante comprometida com sua formação, uma vez que não tem reprovas em nenhuma das disciplinas da estrutura curricular. M não teve experiência nenhuma como professora antes de realizar este estágio e escrever este diário de classe.

RESULTADOS

O DA construído por M caracteriza-se por ser descritivo; ela se preocupa por narrar com detalhes o dia a dia dos acontecimentos ocorridos na sala de aula observada. Durante essas narrativas também aparecem marcas explícitas da *função-autor*, pois M faz considerações, assume posições sobre as ações observadas. Finalmente no seu DA ela finaliza o texto com algumas considerações gerais, nas quais aparece um gesto de *fechamento* do texto.

Uma *condição de produção* que deixou uma marca significativa na construção do texto de M está relacionada com o momento de observação da Escola. No período em que ela observa a Escola, estão ocorrendo as avaliações bimestrais. Assim, nesta fase do estágio M observou poucas aulas nas quais foram desenvolvidos conteúdos de Ciências Naturais, de Física, em particular. Em contrapartida, observou várias aulas nas quais foram realizados processos de avaliação. Considerando esta condição de produção do texto de M, é possível identificar nas suas narrativas vários sentidos que emergem dela sobre a avaliação:

... Os alunos então se organizaram em fileiras [...] Durante a prova, alguns copiavam as respostas de outros, mesmo a professora dando broncas para que cada um fizesse sua prova. Alguns terminaram a avaliação muito rapidamente, então supõe-se que marcaram qualquer resposta.

... A sala se comportou praticamente igual à sala anterior (que tinha ido), mas havia mais alunos interessados em realizar uma boa avaliação, sem copiar de outros colegas.

... Avaliação bimestral. Também sem consulta, teoricamente.

Nesses recortes sobre a avaliação, evidenciamos que M utiliza os termos prova e avaliação. No primeiro trecho esses conceitos aparecem como sinônimos, a pesar deles ser diferentes, pois a prova é um dos diferentes instrumentos que podem ser utilizados em um processo de avaliação. Portanto, é possível interpretar que M mobiliza saberes da tradição pedagógica (Gauthier et al, 1998). Pois, é uma prática comum na escola e na universidade avaliar a aprendizagem utilizando unicamente o instrumento da prova, criando o sentido de que prova e avaliação são sinônimos. Evidenciamos também em M, uma preocupação com as condições nas quais é desenvolvido o processo de avaliação, e aparece aí uma prática cristalizada da avaliação na qual esta é realizada individualmente, em silêncio, sem consulta, e com a intenção de dar uma nota ao estudante, esse ritual no processo da avaliação leva-nos a pensar na necessidade de *desnaturalizar* o processo de avaliação em M, desenvolver discussões que permitam superar sentidos cristalizados sobre o significado e práticas do processo de avaliação.

Outro elemento de análise que se pode evidenciar no processo de escrita, é quando M narra uma situação que foi marcante durante suas observações em sala de aula. Segundo ela, esta situação quebrou a rotina metodológica que ela vinha observando em suas visitas à sala de aula. Na narrativa abaixo é possível evidenciar descrições de aulas tradicionais de Física como por exemplo:

... A aula ficou praticamente assim: somente alguns alunos fazendo os exercícios (com muitas dúvidas) e a professora tentando controlar o barulho que a maioria da sala fazia.

... A professora escreveu na lousa “Textos p. 44, 45 e 46”. Mesmo livro: “Perspectiva em Ciências”. Novamente os alunos tinham que copiar os textos que estavam presentes no livro em seu caderno.

Já finalizando suas observações na Escola, M teve a oportunidade de estagiar nas aulas de uma professora que substituiu temporariamente a professora de Física e desenvolveu conteúdos de Astronomia (rotação e translação da Terra). Nessa ocasião a professora substituta utilizou uma metodologia alternativa à exposição de conteúdos, resolução de exercícios e cópia de textos no caderno. A professora utilizou-se de maquetes do Sistema Solar e um globo terrestre. Vivenciar esta alternativa metodológica gerou em M reflexões sobre outras possibilidades do ensino de Física, que lhe foram marcantes e são registradas em seu texto quando constrói as considerações finais.

...Achei que a professora que ministrou a disciplina de Ciências (a maioria das aulas) não realizou boas metodologias e práticas de ensino com os seus alunos. Talvez porque não dominava quase nada sobre o conteúdo ou porque se incomodava demais com o comportamento dos alunos (se não fazem barulho, por exemplo). A professora de física, licenciada em matemática, a meu ver se esforçava para incluir aspectos de nosso cotidiano no ensino de física para os estudantes. Contudo, a física não é dita somente com palavras. Na verdade, uma ação (ou experimento) pode dizer e significar muito mais na cabeça dos alunos, ou melhor dizendo, contribui muito mais para a aprendizagem significativa do aluno. Já a professora da última aula de Ciências que presenciei conseguiu chamar a atenção de diversos alunos, acho que justamente porque utilizou materiais diferentes na aula, que possibilitava explicar diversos assuntos utilizando o globo de diferentes maneiras.

Nesta consideração final, M estabelece uma relação entre as metodologias de ensino e o domínio do conteúdo, uma boa prática de ensino implica um domínio do conteúdo. Esse é um saber curricular, possivelmente construído durante seu processo de formação inicial, pois, o curso discute a impossibilidade de separar o ensino de Física da Física, portanto, M se filia ao interdiscurso que circula em seu curso de graduação.

Também, M reflete sobre o ensino de Física e as metodologias mais apropriadas para que os estudantes construam uma aprendizagem significativa. Para ela, parece necessário superar o ensino tradicional descrito no recorte anterior; e considera que levando outros materiais como experimentos, é possível a construção de aprendizagem significativa. Esta é ainda uma concepção ingênua, pois, é possível inserir na aula diferentes materiais, mas estes serem utilizados em uma perspectiva tradicional. Portanto, temos indícios da mobilização de saberes da tradição pedagógica, pois parece que só basta inserir na escola diferentes matérias para superar o ensino tradicional.

Também é evidenciado um eco de vozes anteriores (interdiscurso), quando aparece o termo “aprendizagem significativa”; M estabelece este como uma finalidade do ensino da Física. A forma como relaciona esta teoria com o experimento evidencia que ainda falta discutir mais sobre essa proposta, pois, sua explicação lembra a fala cristalizada de que é possível aprender mais por meio do fazer/ação.

No item *Conclusões Gerais* do DA, M faz uma discussão que condensa as observações realizadas. Nessa parte de seu texto foi possível interpretar alguns discursos derivados do interdiscurso, ou seja, M se filia a discursos que fazem parte da memória discursiva de um *ensino tradicional*, interdiscurso que se relaciona com a dicotomia entre teoria e prática. Esta dicotomia está cristalizada na prática do ensino, “no papel a teoria é uma coisa e na prática é outra”:

... As ações escritas no papel não necessariamente são iguais as que acontecem na prática, o que ocorre na maioria das vezes. O Plano Pedagógico da escola em que estagiei é, na minha opinião, muito bom. Porém, na prática não estão acontecendo as mesmas ações estipuladas, pelo menos não observei durante o período que estive na escola.

CONCLUSÕES

O referencial teórico-metodológico da AD traz contribuições para compreender os processos de construção de sentidos nos sujeitos. Para a construção desses sentidos é fundamental entender que a ideologia cria a ilusão de que os sentidos são únicos fixos e pré-estabelecidos; daí percebe-se ser fundamental o processo de *desnaturalizar* os conceitos. Portanto, é evidente que o *analista de discurso* deve interpretar os sentidos assinalados pelo sujeito levando em consideração o contexto de *produção do discurso*, a *ideologia* e o *interdiscurso*, para compreender o *funcionamento discursivo*.

Identificamos que o processo de observação realizado pelos futuros professores é muito importante, pois, esse processo mobiliza saberes docentes para interpretar a realidade. As observações e a produção escrita derivada deste processo estão mediadas pelas condições da escola, o interdiscurso que circula no programa de formação e os diferentes saberes docentes construídos pelos futuros professores.

Analisar o DA considerando noções da AD, permitiu identificar que durante o processo de observação e produção textual o futuro professor mobiliza saberes docentes. Alguns desses saberes devem ser superados, como é o saber derivado da tradição pedagógica. Daí que consideramos importante que o professor orientador do ECS analise os DA e a partir daí proponha discussões que desnaturalize concepções sobre o ensino, a aprendizagem e a avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAUTHIER, C. MARTINEAU S. DESBIENS J. MALO A. SIMARD D. (1998). *Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Ed. UNIJUI,
- FOUCAULT, M. O. (2015). *O que é um autor?* Lisboa.
- (2010). *A ordem do discurso*. São Paulo : Ed Loyola.
- ORLANDI E. P. (2009). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes.
- (2012). Autoria e interpretação. In: *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes.

